



**A OPOSIÇÃO ENTRE O SER SUBJETIVO EM KIERKEGAARD E A REALIDADE
ATUAL DA INDIFERENÇA E VIOLÊNCIA**

**THE OPPOSITION BETWEEN THE SUBJECTIVE BEING IN KIERKEGAARD
AND THE CURRENT REALITY OF INDIFFERENCE AND VIOLENCE**

Leila Teixeira de Araújo

Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-7103-9594>

E-mail oficial: leila.araujo@ufu.br

RESUMO:

O objetivo principal deste trabalho é compreender a definição do ser subjetivo nas obras de Kierkegaard, como *O Conceito de Angústia, Temor e Tremor, A doença para a morte* e principalmente na exposição de *As obras do Amor – Algumas considerações cristãs em formas de discursos*, como a base para a postura da alteridade. Alteridade aqui entendida como uma solução para o combate a realidade violenta que se apresenta na contemporaneidade, resultado da falta de aceitação da diversidade humana. É possível no percurso desenvolvido por Kierkegaard para explicar esse ser subjetivo, observar claramente, o quanto o processo de ser si mesmo e buscar a autenticidade é individual e naturalmente humano, concretizado pelas próprias escolhas. E assim sendo, o foco é mostrar que basicamente o que nos forma e caracteriza igualmente humanos são as diferenças peculiares a cada processo de busca pelo si mesmo.

PALAVRAS-CHAVE: Alteridade. Violência. Ser subjetivo. Diversidade.

ABSTRACT:

The main objective of this work is to understand the definition of the subjective being in Kierkegaard's works, such as *The Concept of Anguish, Fear and Trembling, The Sickness to Death* and mainly in the exposition of *The Works of Love - Some Christian considerations in forms of speeches*, as the basis for the stance of otherness. Alterity understood here as a solution to combat the violent reality that presents itself in contemporary times, a result of the lack of acceptance of human diversity. In the path developed by Kierkegaard to explain this subjective being, it is possible to clearly observe how much the process



of being oneself and seeking authenticity is individual and naturally human, achieved through one's own choices. And so, the focus is to show that basically what forms and characterizes us as equally human are the differences peculiar to each process of searching for oneself.

KEYWORDS: Otherness. Violence. Be subjective. Diversity.

INTRODUÇÃO

O foco deste artigo é fazer uma discussão conceitual sobre a filosofia do pensador dinamarquês Søren Kierkegaard (1813-1855), que viveu a realidade do século XIX, buscando desenvolver um pensamento voltado para a crítica social através de suas obras estéticas e pseudonímicas, enquanto ao mesmo tempo desenvolvia um trabalho voltado para a formação necessária do ser autêntico, que seria na sua visão a forma mais tranquila de existir diante da complexidade da vida que envolve angústia, desespero, paradoxo, fé e subjetividade. E mostrar que o trabalho de Kierkegaard pode ser uma base essencial para pensarmos a questão da alteridade e necessidade da busca por uma postura adequada diante da realidade cruel e violenta que se apresenta na contemporaneidade.

Para tal, serão utilizadas principalmente as obras *O Conceito de Angústia* (2022), *As obras do Amor – Algumas considerações cristãs em formas de discursos* (2003), *A doença para a morte* (2022), bem como artigos e outras literaturas que contribuam para a compreensão da realidade social e a necessidade da busca pela alteridade. Nas obras *O Conceito de Angústia* (2022) e *A doença para a morte* (2022), Kierkegaard foca mais na problemática que envolve o existir humano, consistindo na necessidade do ser humano formar-se enquanto indivíduo com a liberdade de escolha que é sua condição natural. Enquanto *As obras do Amor – Algumas considerações cristãs em formas de discursos* (2003), especificamente na primeira série, que será o objeto de estudo deste trabalho, é feita uma abordagem sobre o amor ao próximo, sob a ótica do cristianismo, uma vez que suas obras são de cunho religioso também.

O pensamento de Kierkegaard apresenta-se como um dos primeiros esforços sistemáticos da razão e da fé para alcançar a compreensão da realidade na qual está inserida o ser humano e o seu complexo existir. Em sua filosofia, ele aborda a vida humana de forma única e profunda, marcada por uma busca constante por significado e autenticidade, assim como destaca a importância da liberdade individual e responsabilidade pessoal na construção da própria existência.

Logo, é possível notar a questão da individualidade, que não deve ser confundida com individualismo, da trajetória, da história que é de cada um e os princípios de alteridade, embora ele não tenha usado esse termo. E uma vez que essa construção é singular, não há um padrão e nem motivo para uma história de vida ser atacada ou inferiorizada em detrimento de outra. E claro, essa história singular é construída em meio ao contato com outros semelhantes e diferentes ao mesmo tempo.

Por isso, para tratar da relação tríade – eu, Deus e o outro – Kierkegaard parte da compreensão da subjetividade, que envolve questões primordiais como a existência, que foi, é e sempre será um processo envolvente e desafiador para os seres humanos.

Pensar os princípios da alteridade, relacionando-os com a subjetividade com ênfase na singularidade do indivíduo, na forma amorosa como ele deve se relacionar consigo mesmo, com Deus e com o outro, é possível conforme aborda Kierkegaard em *As obras do amor – Algumas considerações cristãs em formas de discurso* (2003), o amor é o elo que une o temporal e o atemporal e tendo como fonte o divino, o mesmo existe antes de tudo assim como permanece depois de tudo. Além do mais, o amor é como uma árvore incapaz de dar frutos ruins.

Diante do exposto, este artigo pretende abordar a estreita relação entre o amor ao próximo trabalhado por Kierkegaard e o conceito de alteridade tão necessário para pensarmos na possibilidade de um mundo melhor, mais pacífico diante da diversidade real, presente, que precisa ser reconhecida, respeitada e ter o direito de coexistência.

Pensando a realidade atual

Nesta seção, faremos uma revisão de literatura sobre o tema da violência a partir de Arendt, Camus e Bourdieu, buscando-se uma acepção da filosofia contemporânea sobre o fenômeno. Para, posteriormente, relacioná-lo com a possibilidade de superação da violência a partir da questão da alteridade, tratada na filosofia de Kierkegaard.

Observando o *Atlas da violência*, 2024 (IPEA, 2024), é possível constatar o quanto a violência na realidade atual está cada vez mais complexa e multifacetada, sendo possível fazer uma análise por cada tipo específico de violência, como a sexual, por gênero, raça ou física. Assim como é notável que existem perfis que são os maiores alvos a serem violentados. Usando como exemplo os dados de casos de violência física no Brasil, no ano de 2023 ocorreram 3.583.821 contra mulheres, sendo 2.405.797 relacionados a mulheres negras e 1.178.024 a

mulheres não-negras. Foram registradas 3.017.652 violências físicas contra homens, deste total 1.963.218 foram em relação a homens negros e 1.054.434 em relação a homens não-negros. Diante dos dados estatísticos é possível constatar a vulnerabilidade maior da população negra.

Diante da amplitude que se abre ao voltarmos para o conceito de violência, escolher uma definição não é tarefa fácil, mas Arendt (2004, p. 5), afirma que “a violência abriga em seu seio um elemento adicional de arbitrariedade”, é um ato que força o outro a sair do seu estado atual para atingir um fim desejado, mesmo contra sua vontade, de forma arbitrária.

A própria substância da violência é regida pela categoria meio/objetivo cuja mais importante característica, se aplicada às atividades humanas, foi sempre a de que os fins correm o perigo de serem dominados pelos meios, que justificam e que são necessários para alcançá-los. Uma vez que os propósitos da atividade humana, distintos que são dos produtos finais da fabricação, não podem jamais ser previstos com segurança, os meios empregados para se alcançar objetivos políticos são na maioria das vezes de maior relevância para o mundo futuro do que os objetivos pretendidos (Arendt, 2004, p. 4).

Como coloca a filósofa, os objetivos políticos são o foco principal das ações humanas, principalmente da parcela que tem poder, sujeitos das vontades, da determinação, que ditarão as regras a serem seguidas pelos demais. E historicamente, a naturalização dessa realidade muitas vezes não dá muita ênfase ao papel da violência neste cenário.

Ninguém que se tenha dedicado a pensar a história e a política pode permanecer alheio ao enorme papel que a violência sempre desempenhou nos negócios humanos, e, à primeira vista, é surpreendente que a violência tenha sido raramente escolhida como objeto de consideração especial (Arendt, 1991, p. 16).

Paralela a esta realidade com a ajuda das ideologias, argumentos bem pensados e colocados, vai criando-se também a violência simbólica, conforme define Pierre Bourdieu em sua obra *O Poder Simbólico* (2002). Trata-se do poder invisível com a função político-social de integrar a ordem social. Ressalta ainda que:

Os símbolos são os instrumentos por excelência da integração social: enquanto instrumentos de conhecimento e comunicação, eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração lógica é a condição da integração moral (Bourdieu, 2002, p. 10).

Assim, os símbolos aos poucos vão moldando os estereótipos de pessoas que devem ser considerados inferiores, marginalizados e que até não deveriam existir. Fomentando, assim, uma realidade da indiferença em relação ao outro que é diferente do considerado normal, inclusive dando passagem a todos os tipos de violência, chegando a flertar com a normalidade do extermínio.

Inclui-se no grupo de seres indesejados os rebeldes ou revoltados como cita e define Camus, (2017, p. 22) “um homem que diz não”. O filósofo ainda esclarece que, o que marca a revolta é a resposta negativa do servo diante da exigência do senhor, que às vezes nem é algo inusitado, mas algo repetido, que o servo ao tomar conhecimento de que tal exigência fere seus direitos e ultrapassa o limite da aceitação, resolve então impor-se, revoltar-se. Logo, tal ser já passa a incomodar e torna-se membro indesejado na sociedade. Tais atitudes confrontam-se com o usual e costumeiro silêncio, que traduz o conformismo, como esclarece Camus, (2017, p. 23), “Calar-se é deixar que acreditem que não se julga nem se deseja nada, e em certos casos é, na realidade, nada desejar.”

Camus também ressalta que a tomada de consciência sobre os direitos, instaura no ser humano a clareza dos seus valores e a percepção de que esse reconhecimento transcende o espaço individual e reflete a vontade geral do grupo, motivo pelo qual o indivíduo é capaz de dar a vida em tal luta, “Vê-se que a afirmação implícita em todo ato de revolta estende-se a algo que transcende o indivíduo, na medida em que o retira de sua suposta solidão, fornecendo-lhe uma razão para agir.” (Camus, 2017, p.24-25). No entanto, esse agir, por mais que seja necessário, também na prática é uma forma de violência, diante de uma realidade em que o diálogo não teve sucesso.

Ao analisar o relatório anual do *Atlas da Violência* no Brasil (IPEA 2025, p. 5), logo pelo sumário já extraímos a lista dos que simbolizam os indesejados ou das pessoas que são os maiores alvos de ações violentas. Destacam-se mulheres, negros, indígenas, idosos e a escalada da violência contra LGBTQIAPN+.

Os dados do Atlas da Violência 2025 evidenciam um aumento nos registros de casos de violência contra pessoas LGBTQIAPN+. De 2022 para 2023, os casos de violência contra homossexuais e bissexuais registrados no sistema de saúde aumentaram 35%, enquanto os casos de violência contra pessoas transsexuais e travestis aumentaram em 43%, sendo o aumento maior entre os homens transsexuais, embora o volume de registros de vítimas mulheres transsexuais permaneça num patamar bastante superior (IPEA, 2025, p. 86).

Quando se pensa em violência na sociedade atual, estes grupos são os mais afetados, aqueles aos quais o conceito de alteridade, definida como “O absolutamente Outro é Outrem; não faz número comigo. A colectividade com que eu digo «tu» ou «nós» não é um plural de «eu». Eu, tu, não são indivíduos de um conceito comum.” (Lévinas, 1980, p. 26), não faz muito sentido. Alteridade, embora seja um termo presente na filosofia desde Aristóteles, no século XX ganha um importante destaque com Emmanuel Lévinas (1906-1995), um filósofo naturalizado francês que desenvolveu a ética da alteridade, justamente para tratar como deveriam ser as relações humanas, pautadas no reconhecimento do outro, na sua singularidade.

A compreensão desse conceito, é importante para assegurarmos ao indivíduo o direito de ser único, singular, subjetivo, ser reconhecido e respeitado justamente por isso. E a realidade contemporânea desperta para a necessidade de pensar na subjetividade que forma cada ser. Neste sentido, a filosofia kierkegaardiana torna-se muito relevante nessa discussão, como coloca Lévinas (1980, p. 26), referindo-se à questão da subjetividade em Kierkegaard, enquanto parte fundamental para que cada ser encontre a sua verdade através da própria vivência. Reforçando que não há a possibilidade da verdade ser sistematizada ou generalizada.

O ser subjetivo no pensamento de Kierkegaard

Soren Kierkegaard foi um filósofo que em todas as suas obras tratou da problemática que envolve o existir humano, embora tenha feito uma abordagem que envolva sempre a dimensão religiosa, é inegável sua preocupação e senso crítico em relação a vivência autêntica dessa fé e não apenas aparente, além do foco na necessidade de buscar a autenticidade. Para isso, o dinamarquês parte do princípio de que a existência é subjetiva, construída a partir das escolhas e responsabilização pelas mesmas diante das várias situações e possibilidades apresentadas ao longo da vida do ser.

Conforme comenta Roos (2022, p. 117), a missão da existência é tornar-se si mesmo, tal pensamento é o cerne das obras de Kierkegaard. Como não existem parâmetros objetivos para realizar essa missão, cada um deve assumir os próprios riscos e responsabilidades. Uma vez que nem mesmo através do conhecimento é possível alcançar toda a certeza para as tomadas de decisões, pois, não há possibilidade de conhecer tudo e quando trata-se de questões existenciais, o conhecimento é sempre aproximativo.

Interessante ressaltar que conforme Kierkegaard (2022, p. 43) aborda na obra *A doença para a morte*, a formação para chegar ao ser autêntico, subjetivo, o si mesmo ocorre por um



processo existencial, é algo dinâmico. Para sair do desespero e angústia, que são temas centrais da discussão existencial do filósofo, o ser humano deve compreender a correta síntese que o compõe, ou seja, a relação entre infinito e finito, temporal e atemporal, buscando encaixar-se no equilíbrio.

Ao comentar a obra de Kierkegaard, Giles (1979, p. 83) esclarece que, nascemos humanos, mas cada um deve tornar-se o indivíduo, efetivando a síntese dialética, ou seja, a relação dinâmica entre os opostos que o formam. A exemplo, compreender que é finito pelas próprias condições físicas e temporárias, mas também é infinito através da sua imaginação, liberdade e capacidade de transcender. É temporal, uma vez que a vida ocorre no tempo, mas é eterno uma vez que possui o espírito (si-mesmo) que é algo além do material. Vive na tensão entre liberdade e necessidade, enfrenta as limitações da vida, mas tem a liberdade de fazer escolhas e moldá-la. Essa dialética paradoxal exige que o ser humano trabalhe para integrá-la e harmonizá-la, entendendo que ela o constitui.

Segundo Kierkegaard, em *O Conceito de Angústia* (2022, p. 49), a vida do homem se estabelece a partir de situações de possibilidades. No entanto, essas possibilidades não são certas e podem trazer sucesso ou fracasso. Diante das várias possibilidades onde as decisões são necessárias e trazem sempre suas consequências, o homem cai numa existência angustiosa e cheia de dúvidas. A angústia retira do homem suas seguranças habituais, ele experiencia a situação existencial precária que vive que é própria da liberdade inata. Sem apoio, ele dá início a uma busca; um suporte qualquer que o alivie da completa situação de solidão e abandono. “A dialética se apresenta em Kierkegaard como oposição dos extremos, como ambiguidade, pois o ‘eu’ não é ‘dado’; é a possibilidade do ‘eu’ que é dada, e, nesse sentido, é o palco do conflito existencial.” (Giles, 1975, p. 9).

Kierkegaard enfatiza a ideia de que cada indivíduo enfrenta suas escolhas existenciais que moldam sua vida e em todas as situações a angústia apresenta-se como condição ou resultado da liberdade, então é uma parte inevitável da condição humana. A angústia é a possibilidade de ser algo diferente.

Assim, o que angustia, a rigor, não é a realidade, mas a possibilidade. A angústia é a vertigem diante da possibilidade. De acordo com Vigilius Haufniensis: “a angústia é a vertigem da liberdade, que surge quando o espírito quer estabelecer a síntese, e a liberdade olha para baixo, para sua própria possibilidade [...]”. O fato de a possibilidade ser desconhecida, como foi dito, constitui o grande desafio envolvido na angústia, o de termos de nos relacionar com algo sem forma, algo como um medo sem objeto, e de termos

de decidir a existência precisamente no horizonte dessa relação (Kierkegaard, 2022, p. 19-20).

Logo, ele explora a noção de desespero, não como uma condição em definitivo, mas uma condição que pode levar à reflexão e transformação pessoal, conforme o próprio significado etimológico, *fortvivelse* – desespero, em dinamarquês – significa relação com a ideia de dúvida, incapacidade de estabelecer uma boa relação. O desespero é a incapacidade de efetivar a síntese, é o desequilíbrio entre os pólos opostos da existência, que acaba impedindo o indivíduo de compreender o si-mesmo. Conforme Kierkegaard, (2022, p. 46) “Desespero é a má relação na relação de uma síntese que se relaciona consigo mesma”. É preciso entender a relação consigo mesma como o si-mesmo.

O ser humano é espírito. Mas o que é espírito? Espírito é o si-mesmo. Mas o que é o si-mesmo? O si-mesmo é uma relação que se relaciona consigo mesma, ou consiste no seguinte: que na relação a relação se relacione consigo mesma; o si-mesmo não é a relação, mas que a relação se relacione consigo mesma (Kierkegaard, 2022, p. 43).

Neste processo de busca pelo si-mesmo, na ânsia da formação da síntese entre finito e infinito, Kierkegaard vai abordando em suas obras as angustiosas possibilidades que podem compor a experiência transformadora do ser humano. Ao comentar a filosofia kierkegaardiana, Ross (2022, p. 125) esclarece que ao referir-se ao processo existencial em Kierkegaard é usual colocar de forma esquemática a teoria dos três estágios da existência, mas o filósofo dinamarquês vai abordando ao longo de suas obras não de forma sistematizada. São representações cíclicas demonstrando os caminhos do indivíduo no seu existir.

Na obra *O Diário de um Sedutor* (1979), Kierkegaard caracteriza o estágio estético através da história do personagem Johannes em busca de conquistar a jovem Cordélia. Através do personagem, o dinamarquês destaca a evidência do prazer e da vontade imediatista como um foco dessa fase, marcada por decisões que evitam o aprofundamento interior e que, por isso, mantêm o indivíduo afastado de si mesmo. Logo, “quando falta a interioridade, o espírito é reduzido à finitude. Por isso, a interioridade é a eternidade, ou a determinação do eterno num ser humano” (Kierkegaard, 2022, p. 195).

Apesar da aparente superficialidade, o estético também se utiliza de reflexão, da intelectualidade, mas sem compromisso com a formação de um eu autêntico. O pensamento permanece voltado para o exterior, para o prazer e para o gozo estético das ideias e sentimentos,



sem implicações existenciais mais profundas. Assim, o esteta vive no instante, guiado pelas paixões, desejos e fantasias. Alimenta-se da sensibilidade e da imaginação, mas permanece insatisfeito. Ele habita o reino da possibilidade infinita no finito, evitando o peso da realização concreta e da responsabilidade por si.

Uma vez que não consegue realizar seus anseios fora de si, ele passa a não suportar mais a sua existência no presente. Tentando escapar do vazio tedioso do presente ele busca um passado irreal e um futuro impossível. Neste momento, o indivíduo se dedica cada vez mais aos prazeres desregrados e busca na recordação o que deveria procurar na esperança. Nessa fase está constantemente presente o desespero no indivíduo que vem do seu próprio interior e não do mundo exterior.

Esse desespero tende a estagnar a sua vontade resultando em dificuldades de elevar-se a outro estágio da existência ou, como dirá o próprio Kierkegaard (2022, p. 161), ao referir-se ao homem que vive um processo de descoberta e autoconstrução, onde a fé é essencial, mas cujas possibilidades surgem no manancial das águas límpidas da liberdade angustiante, sobretudo, quando essa traz sofrimento e dificuldades, advindas das ilusões humanas.

A resolução ou superação desta fase não ocorre nem com determinismo rígido nem com a morte, pois assim como o indivíduo é constituído de forças que o concedem as opções livres, têm também forças que ele não criou e que às vezes é submetido, independente da sua vontade e que o leva a suplantar o estágio estético e o conduz ao ético.

O sujeito ético compreende que a vida exige responsabilidade e que o "eu" deve ser construído ao longo do tempo, através de decisões fundamentadas em deveres morais e compromisso com o universal. Esta fase ressalta a consciência do conflito real entre o universal, o que é exigido de todos e a interioridade da subjetividade que se torna preparação para a fase religiosa (Giles, 1975, p. 21). Ou seja, na fase ética da existência, o indivíduo ainda não possui autonomia plena e se vê como mais um em meio à multidão procurando ser cumpridor da moral vigente.

A vida ética pressupõe, portanto, uma harmonia entre a subjetividade e as exigências do mundo social, na tentativa de conciliar a moralidade pessoal com a convivência pública e comunitária. Suas escolhas não são mais tomadas de modo impulsivo ou arbitrário, como no estágio estético; ao contrário, cada decisão é precedida por reflexão e consciência. Há, nesse estágio, um desejo de autoconstrução, um esforço contínuo para tornar-se si-mesmo, por meio de um projeto existencial que busca o equilíbrio entre o mundo interior e a realidade externa. A

ética já permeia as relações, logo, o outro começa a ser respeitado podendo observar os princípios de alteridade. Ainda de acordo com Giles (1975, p.19), “A moralidade, por si mesma, está no geral e, sob este aspecto, aplica-se a todos”.

Em contraposição ao modo estético de viver, marcado pela busca do prazer e pela evitação da responsabilidade, o caminho ético é um modo deliberado e apaixonado de existir. É uma existência trilhada dentro de parâmetros morais estabelecidos, mas assumidos livremente, com convicção e autenticidade. Para Kierkegaard, essa escolha ética é um ato existencial apaixonado, no qual o sujeito reconhece que existir é agir diante da possibilidade, é movimentar-se rumo a um novo modo de ser, comprometido com a construção de si e com o dever.

No entanto, de acordo com Kierkegaard (2022, p. 155-156), torna-se impossível a realização existencial em tal estágio, uma vez que o conflito entre as exigências da universalidade e da interioridade ficam marcantes, dificultando o encontro da autenticidade do indivíduo, o si-mesmo. “Ao se aprofundar em si mesma, a pessoa pode vir a perceber como é difícil cumprir satisfatoriamente com a lei moral e que, nessa perspectiva, a ética é um fundamento frágil para a constituição do si-mesmo” (Ross, 2022, p. 128). Por uma escolha que foge a total racionalidade, o ser através de um impulso parte para o campo da fé, na tentativa de satisfazer a sua interioridade.

A fase religiosa, ou estágio da fé se dará quando as regras e exceções do indivíduo são direcionadas para cumprir a vontade de Deus, quando as justificativas de ordem racional não têm mais aquela relevância habitual. Conforme Kierkegaard, (2022, p. 161) cita que a fé é uma escolha pessoal, não racional, como um salto em busca da verdade, ou seja, esse estágio é marcado pelo absurdo, é algo que foge à racionalidade e lógica humana, é uma escolha individual que não depende da coletividade e nem de instituições. Em *Temor e Tremor* (1979), Kierkegaard ilustra que a escolha da fé acontece quando o indivíduo se vê obrigado a transgredir a ética, por exemplo, quando Abraão pensa em sacrificar o filho por ordem divina. Agradar a Deus para ele era mais importante que seguir a lei, no entanto, tal ação caracteriza-se pelo absurdo. Quando ele opta por seguir com a ação, ele abre mão também da racionalidade e apoia-se na fé, aceitando o absurdo da exigência divina e escolhendo o religioso acima do ético. E, no caso de Abraão, mesmo atendendo uma exigência de Deus, sente que cometeria um pecado, o que ilustra o paradoxo da fé.



Rojou-se na terra e pediu perdão a Deus pelo seu pecado, perdão por ter querido sacrificar Isaac, perdão por ter esquecido o dever paternal para com o filho. Não podia conceber que pecara por ter querido sacrificar o seu mais precioso bem, por quem teria oferecido a vida mais de uma vez; e, se pecara, se nunca amara Isaac a tal ponto, não podia compreender como merecer o perdão de Deus — haverá, com efeito, mais horrível pecado do que o seu? (Kierkegaard, 1979, p. 199).

E uma vez abraçado a ideia do Absoluto, o indivíduo encontra sua fonte original e consegue se entender como resultado da síntese entre finitude e infinitude, temporal e atemporal. Tal certeza, vai conduzir as suas ações, buscando basear-se naqueles que a história, no caso a cristã, consagrou como exemplos de fé. E conforme o cristianismo, “O amor não faz mal ao próximo. De sorte que o cumprimento da lei é o amor.” (Rm, 13,10).

A contribuição da filosofia de Kierkegaard para pensar a alteridade como resposta a realidade violenta

Em *As Obras do Amor – Algumas Considerações Cristãs em Formas de Discurso* (2003), Kierkegaard aprofunda a questão do amor, iniciando com a explicação de que, assim como se reconhece a árvore pelos frutos, “também se conhece o amor no seu próprio fruto” (Kierkegaard, 2003, p. 9).

Quanto à importância do amor em seu pensamento, Kierkegaard afirma: “Pois o que vincula o temporal e a eternidade, o que é, senão o amor, que justamente por isso existe antes de tudo, e permanece depois que tudo acabou” (Kierkegaard, 2003, p. 8). O amor, assim, aparece como o elo essencial que une o temporal e o eterno, sendo o fundamento da síntese na formação do indivíduo autêntico. Conforme cita:

A vida oculta do amor está no mais íntimo, insondável, e aí então numa conexão insondável com toda a existência. Assim como o lago tranqüilo mergulha profundamente no manancial oculto, que nenhum olhar jamais viu, assim também se funda o amor de um homem, ainda mais profundamente, no amor de Deus. Se no fundo não houvesse um manancial, se Deus não fosse amor, então não existiria o pequeno lago, e absolutamente nenhum amor de um ser humano. Assim como o lago tranqüilo se funda obscuramente no manancial profundo, assim também se funda o amor humano misteriosamente no amor de Deus (Kierkegaard, 2003, 11-12).

Kierkegaard reforça ainda o quanto é preciso estar atento e perceber o amor pelas suas obras e não se deixar enganar pelas palavras, pois, assim como é possível enganar-se sobre a

identificação de uma árvore somente pelas folhas, da mesma forma as palavras podem sair sem a maturidade necessária para a cognição do termo.

Mas amar não se deve com palavras e modos de falar, e não é por aí, de jeito nenhum, que se deve reconhecer o amor. Pelo contrário, deve-se antes reconhecer por tais frutos, isto é, pelo fato de que só existam folhas, que o amor não teve tempo de amadurecer. [...] Portanto, a imaturidade e o falso amor se reconhecem pelo fato de que as palavras e os modos de falar são seu único fruto (Kierkegaard, 2003, p. 14).

É possível ver o estreitamento mais nítido entre o amor e alteridade, quando Kierkegaard (2003, p. 26) cita o mandamento bíblico: “O segundo mandamento é semelhante a esse: Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mateus 22, 39). O filósofo parte do pressuposto que é do ser humano amar a si mesmo e enquanto cristão é dever estender esse amor ao próximo sem egoísmo, entende ainda que a parte amar como a si mesmo tem uma afinidade com a eternidade.

Este “como a ti mesmo” não vacila na pontaria e penetra então com a firmeza da eternidade, como um juiz, até o mais íntimo esconderijo onde um homem ama a si mesmo; não deixa ao amor de si mesmo a mínima desculpa, não lhe deixa aberta a mínima escapatória. Que estranho! (Kierkegaard, 2033, p. 21).

O filósofo propõe e define o amor ao próximo como um mandamento divino, rompendo com as barreiras do egoísmo e da predileção. Uma vez que diferente do amor erótico ou da amizade, que de certa forma anseia pelo ser amado de forma egoística, o amor cristão não se baseia na reciprocidade, mas em um chamado a amar incondicionalmente e sem distinção, ter como objeto do amor o gênero humano, inclusive aqueles considerados inimigos.

O amor natural é definido pelo objeto, a amizade é definida pelo objeto, só o amor ao próximo é definido pelo amor. Dado que o próximo é qualquer homem, incondicionalmente qualquer homem, todas as diferenças ficam sem dúvida excluídas do objeto, e este amor portanto é reconhecível justamente pelo fato de que seu objeto é sem nenhuma outra diferenciação de determinações ulteriores, o que quer dizer que este amor só se reconhece pelo amor (Kierkegaard, 2003, p. 72)

Kierkegaard (2003, p. 24) ainda elucida que o outro refere-se a todos os seres humanos e não somente aqueles que fisicamente ou por afinidade estão mais próximos a nós. Da mesma forma, ressalta que esse amor ao próximo envolve também a responsabilidade de fazer o que de fato é o melhor para este outro, mesmo que o outro peça o contrário. Aqui, é possível notar

a necessidade de uma postura tanto ética quanto religiosa, defendida pelo filósofo baseado na compreensão da dimensão humana que envolve o divino, pois amar ao outro é um dever cristão. E com todas as explicações e advertências quanto ao outro, Kierkegaard vai mostrando a questão da singularidade e das diferenças que há em cada ser humano, e reforça que mesmo com elas é dever amar ao próximo, na sua visão e pelos pressupostos cristãos para Deus, tais diferenças são irrelevantes, todos são igualmente filhos Dele.

A responsabilidade pelo outro, inerente ao amor cristão, exige que o indivíduo reconheça e valorize a alteridade mesmo nas situações mais desafiadoras. Kierkegaard conecta a alteridade com a transcendência ao mostrar que o amor ao próximo é, em última análise, uma expressão do amor a Deus. A relação com o outro reflete a relação com o divino, de forma que respeitar e amar a alteridade é também um ato de fé.

Por fim, n' *As Obras do Amor – Algumas Considerações Cristãs em Formas de Discurso* (2003, p. 27), Kierkegaard trabalha os princípios de alteridade ao mostrar o amor cristão como uma prática que exige o reconhecimento e valorização do outro em toda sua singularidade. Reforça também, que a verdadeira relação ética e religiosa não é somente com Deus, mas principalmente com o próximo, onde a prática da alteridade simboliza o reflexo do amor divino. Então, amar ao outro como ele é, é um desafio tanto ético como um caminho para a transcendência.

Considerações finais

Assim, em *As Obras do Amor – Algumas Considerações Cristãs em Formas de Discurso* (2003), Kierkegaard oferece uma perspectiva única sobre a alteridade ao propor o amor cristão como fundamento da relação com o próximo. Ele ainda esclarece as concepções humanas de amor baseadas em preferências, reciprocidade ou sentimentos, ressaltando o amor ao próximo como um dever ético e religioso que transcende as limitações humanas. Tal abordagem evidencia uma dimensão profundamente transformadora, onde o outro não é colocado como uma extensão do "eu", mas como um ser singular, digno de respeito e amor incondicional.

Nesse contexto, a alteridade torna-se um convite à transcendência e à autenticidade. Pois, amar o próximo significa acolher sua diferença, reconhecer sua dignidade e aceitar a responsabilidade por sua existência. Essa postura ético-religiosa não é um trabalho fácil, pois



exige um rompimento com as estruturas egoístas e uma abertura para o divino, que Kierkegaard vê como a fonte última do amor.

Portanto, Kierkegaard não só fundamenta a alteridade em um mandamento divino, mas demonstra como essa relação com o outro também reflete a relação com Deus. Sua obra é um convite a superar as barreiras da parcialidade e do egoísmo para construir uma convivência baseada no respeito mútuo e na igualdade, valores centrais para uma vida ética e espiritual autêntica.

Por todo o exposto, *As Obras do Amor – Algumas Considerações Cristãs em Formas de Discurso* (2003), pode ser considerada relevante em debates contemporâneos sobre ética e alteridade, ofertando uma base sólida para refletir sobre as relações humanas em um mundo cada vez mais plural, mas ainda dividido e fracionado em estereótipos. Cuidadosamente, Kierkegaard nos lembra que o amor ao próximo é a expressão mais profunda de uma humanidade que reconhece, valoriza e respeita a alteridade.



BIBLIOGRAFIA

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALMEIDA, Jorge Miranda de; VALLS, Álvaro L. M. **Kierkegaard**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Trad. André Duarte. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

BÍBLIA ON LINE. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf>. Acesso em: 27 nov. 2024.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Thomaz. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2002.

FARAGO, France. **Compreender Kierkegaard**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GILES, Thomas Ransom. **História do existencialismo e da fenomenologia**. São Paulo: EPU, 1975.

_____. **Introdução à filosofia**. São Paulo: EPU: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

IPEA – instituto de pesquisa econômica aplicada; IBGE – instituto brasileiro de geografia e estatística. Relatório econômico. Brasília: Ipea; IBGE, 2025. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes> Acesso em: 21/05/2025.

KIERKEGAARD, Soren A. **A doença para a morte**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

_____. **As obras do amor– Algumas Considerações Cristãs em Formas de Discurso**. Trad. Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 2003.]

_____. **O conceito de angústia**. Londrina, PR: Livrarias Família Cristã, 2022.

_____. **O conceito de ironia – Constantemente referido a Sócrates**. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. **O desespero humano**. In: Os pensadores. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1979.

_____. **O diário de um sedutor**. In: Os pensadores. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1979.

_____. **Temor e Tremor**. In: Os pensadores. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1979.

LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Lisboa: Edições 70 Lda, 1980.



Novo Testamento: BÍBLIA. N. T. In: **Bíblia Sagrada**. Tradução de Fernando. 3. ed. São Paulo, SP: Editora NVI, 2023.

ROSS, Jonas. **10 lições sobre Kierkegaard**. 2. ed. rev. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.